



A feira agroecológica da UFMG pelo olhar de quem produz: relatos, trajetórias e experiências

The agroecological fair at UFMG through the eyes of those who produce: stories, journeys, and experiences

ALVES, Veranilta¹; CARVALHO, Elaine²; RIBEIRO, Tarcisio³; RESENDE, Ailton⁴; FERNANDES, George⁵; SANTOS, Miriam⁶; SOUZA, Fernanda⁷; AZEVEDO, Julia⁸

¹Lá do Meu Quintal/ Feira da UFMG, veraniltaalves@gmail.com; ²Autogestão Saboaria Artesanal/Feira da UFMG, elainelc11@gmail.com; ³Sítio Solar Paraíso, tarcisiocribeiro@gmail.com; ⁴Quitanda Naturele/Feira da UFMG, ailtongresende@gmail.com; ⁵Fábrica de Hortas/Feira da UFMG, ahortadacidade@gmail.com; ⁶AUÊ!/UFMG, msfernandes.ufmg@gmail.com; ⁷ Departamento de Gestão Ambiental/UFMG, emaildafernandalouro@gmail.com; ⁸AUÊ!/UFMG, juliaaz9399@gmail.com

RELATO DE EXPERIÊNCIA POPULAR

Eixo Temático: Sistemas Agroalimentares e Economia Solidária

Apresentação e Contextualização da experiência

A experiência da Feira da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), teve início em 2016 e, desde então, vem passando por transformações, mas mantendo seus fundamentos na Agroecologia e na Economia Popular Solidária. A Feira da UFMG é realizada atualmente de forma quinzenal durante os meses letivos da Universidade, ocupando a Praça de Serviços, área central e de grande circulação no *campus* Pampulha da UFMG. Atualmente, são 34 integrantes oriundos de unidades produtivas localizadas na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) e no Colar Metropolitano, que trazem grande diversidade de produtos: mudas e insumos para cultivos; frutas, verduras, legumes e cogumelos; alimentos processados como geleias, antepastos, conservas e temperos; mel e outros produtos de apicultura; carnes defumadas, queijos e ovos; grãos como feijão, arroz, milho e seus derivados; cosméticos naturais e produtos da aromaterapia, e lanches para consumo imediato, de preparações típicas como acarajés e quitandas mineiras a hambúrgueres e salgados veganos e sem glúten.

O processo de construção da Feira ocorreu através da articulação entre o Departamento de Gestão Ambiental da Pró-Reitoria de Administração - DGA, o grupo de Estudos em Agricultura Urbana do Instituto de Geociência - AUÊ!, e o grupo de Economia Popular e Solidária da Faculdade de Ciências Econômicas - Colméia. O pontapé inicial foi uma pequena feira de produtos agroecológicos durante a IV Semana do Meio Ambiente da UFMG em 2016, em que a repercussão foi maior do que a esperada. Assim, no mesmo ano foi realizada uma segunda edição da Feira, desta vez apoiada pela administração da Universidade, contando com uma maior diversidade de produtos e alcance midiático, o que potencializou a integração da/os produtoras/es e consumidoras/es na feira (SILVA et al., 2018).



Essas duas experiências mostraram o *campus* Pampulha como um território aberto para fomentar as discussões acerca da Agroecologia e Economia Popular Solidária. A partir de 2017, os grupos da UFMG AUÊ! e Colméia e o DGA iniciaram reuniões periódicas em conjunto com as/os feirantes para articulação e construção coletiva da feira, visando a transformação cultural, econômica e social. Ainda em 2017 as feiras tiveram periodicidade mensal, e no ano seguinte quinzenal.

Para a formalização da Feira, foi elaborado um edital de chamamento público em que um dos critérios de participação da Feira da UFMG é o envolvimento das/os feirantes em processos de garantia da qualidade da produção agroecológica ou orgânica - como o SPG Metropolitano - e/ou a busca pela transição agroecológica. Esse incentivo fortaleceu o surgimento da Associação Horizontes Agroecológicos - organização responsável pela construção do Sistema Participativo de Garantia na RMBH.

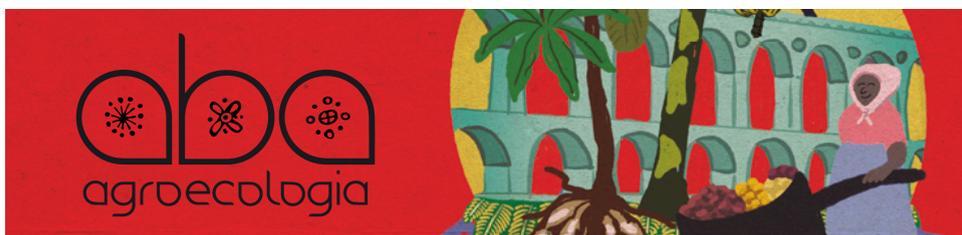
Desenvolvimento da experiência

Os relatos utilizados neste trabalho foram construídos a partir de entrevistas feitas pela Elaine Lima, produtora de saboaria artesanal e expositora da Feira da UFMG desde 2016, durante uma edição da Feira. Foram cerca de 12 relatos coletados, sendo as falas livres, sem questões previamente construídas, para que o/a feirante estivesse à vontade para compartilhar sua experiência.

A experiência na Feira Agroecológica da UFMG envolve várias comunidades, pessoas, coletivos e famílias que estão engajadas na produção de alimentos e outros produtos agroecológicos na RMBH. Além disso, a Feira se tornou referência na promoção da sustentabilidade, agroecologia e segurança alimentar em Belo Horizonte, devido à sua proposta de promover o consumo consciente e politizado.

Atualmente, destaca-se a participação e protagonismo das mulheres, em que representam a maioria dos feirantes (57%) e a participação de homens representa cerca de 42%. Além disso, a maioria das pessoas que participam da Feira tem entre 35 e 59 anos, representando 64% do total. Por outro lado, há poucas pessoas com mais de 60 anos, apenas 16%. Quanto à raça, a Feira é composta, majoritariamente, por pessoas autodeclaradas brancas, cerca de 42%. Seguido de pessoas autodeclaradas pardas, 38,5%. E pessoas autodeclaradas pretas, cerca de 19%. A maioria dos feirantes são de contexto urbano ou periurbano e não há entre eles quem se identifique de algum grupo tradicional. Apesar da baixa representatividade de grupos étnico-raciais, a busca por igualdade de gênero, equidade racial, envolvimento intergeracional e relações de trabalho baseadas na cooperação e solidariedade estão contempladas no regimento interno da Feira, construído coletivamente pelos feirantes. Portanto, é interesse do grupo incorporar diálogos e práticas coletivas para promover a sociodiversidade nesse espaço.

Outras pessoas que comercializam na Feira, como Vanessa (Arte Gourmet Veg) e George (Fábrica de Hortas), mencionam a importância do acesso aos alimentos frescos e saudáveis proporcionados pela Feira. Vanessa destaca a felicidade em poder produzir seus alimentos com ingredientes colhidos diretamente por quem produz, enquanto George enfatiza que a Feira promove conhecimento, diversidade e saúde, sendo um ponto de partida para falar sobre agroecologia.



Também, Mariana, uma das produtoras agroecológicas, enfatiza a importância da Feira como um espaço de valorização da agricultura familiar e de geração de renda para quem produz em pequena escala. Ela menciona que a Feira permite uma venda direta, sem intermediações, o que possibilita preços justos tanto para quem consome quanto para quem produz. Mariana destaca que a Feira é uma forma de resistir ao modelo convencional de produção de alimentos, promovendo um sistema mais justo e sustentável.

A participação das mulheres também é evidenciada nos relatos. Cristiane Perdigão, produtora de cosméticos naturais, destaca a vivência da economia solidária na Feira da UFMG, ressaltando a importância da colaboração e da valorização do artesanal e dos produtos naturais. Ana Maria Adão, produtora de geleias e produtos elaborados com jabuticabas, menciona a cultura de trocas coletivas entre feirantes e a importância de compartilhar conhecimentos para que seja possível produzir produtos cada vez melhores.

Uma perspectiva poética também foi compartilhada por Tarcísio, que disse que, esta Feira consegue unir as almas de meia centena de feirantes, segundo o feirante, “a Feira é muito mais que um espaço de comercialização de produtos afetivamente produzidos por cada partícipe, é um espaço de troca, não só de saberes e experiências, de produtos e sonhos! Difícil é sair da feirinha sem uma sacola de produtos carinhosamente trocados entre pares!”.

Como no fazer poético, conseguimos a partir de um arranjo de produtoras/es locais da agroecologia e da economia solidária, rearranjar palavras comuns em arte! Arte do fazer, do atender, da harmonia entre produtores e consumidores não mais separados pela bancada de frutas, legumes e artesanatos, mas unidos pelo afeto e por comida de verdade que alimenta muito mais que os corpos. Num espaço diverso o veganismo e o sanduíche de linguiça se unem num ambiente inacreditavelmente harmônico!

Desafios

As feiras com base na agroecologia e na economia solidária, são experiências de comercialização que estão na contramão do modelo tecnológico hegemônico do capital. Por isso, são diversos os desafios que os feirantes encontram desde a produção até a comercialização. No caso da Feira da UFMG, a proposta de uma experiência autogestionária exige um alto senso de coletividade entre os feirantes, pois as tomadas de decisões sobre a logística de transporte e infraestrutura, a comunicação com o público externo, a forma de fazer o controle social sobre a procedência e a qualidade dos produtos e demais demandas são responsabilidade do coletivo, tendo pouco ou nenhum auxílio das políticas de planejamento urbano.

A distância entre as unidades produtivas e o *campus* da UFMG é identificada como um importante fator para a desistência de alguns produtores, especialmente pelo alto custo dos combustíveis, que termina por encarecer o produto ofertado e consequentemente reduz as vendas. O tempo perdido nesse deslocamento, que poderia ser investido na produção, também é um dificultador de permanência dos produtores.



Outro fator que se sobrepôs aos desafios já encontrados foi a pandemia da COVID-19, que trouxe impacto significativo no cenário da produção e comercialização agroecológica, com as medidas de distanciamento social e restrições à circulação. Muitas feiras presenciais, incluindo a Feira da UFMG, e pontos de venda foram suspensos ou sofreram limitações no seu funcionamento, afetando as/os agricultoras/es e processadoras/es de diversas maneiras e exigindo a adoção de novas estratégias para lidar com os desafios impostos. De acordo com depoimentos integrantes da Feira, muitas pessoas enfrentaram perdas significativas de emprego e renda durante a pandemia, interrupção das cadeias de abastecimento, diminuição da demanda e restrições comerciais que afetaram diretamente a comercialização dos produtos. Nesse período, alguns produtores reformularam suas vidas, desenvolvendo e aperfeiçoando outras habilidades que foram alçadas a novas fontes de rendas, o que acarretou em desligamentos da feira para dar seguimento a novas carreiras.

Principais resultados alcançados

A Feira da UFMG promove uma série de impactos positivos nas dimensões social, ambiental, cultural e econômica. Entre os principais resultados, estão o fortalecimento da produção sustentável, da comunidade acadêmica e externa, a troca de conhecimentos entre quem produz e quem consome, o acesso ao conhecimento acadêmico, a produção agroecológica e orgânica, a valorização da cultura local e tradicional, e o fortalecimento da produção de pequena escala.

Os feirantes participantes relatam que a Feira da UFMG proporciona um ambiente de amizade, colaboração e afeto, pois promove a troca de conhecimentos entre quem produz e quem consome. Dona Vera, uma das primeiras participantes da feira, descreve um sentimento de amizade e fortalecimento ao participar do evento, ela se sente melhor na Feira do que em sua própria casa. Ailton, um produtor rural de hortifrutigranjeiros, destaca a relação de afeto entre os feirantes e a importância do trabalho coletivo, ele ressalta que a Feira vai além da comercialização, envolvendo pesquisa e acesso a produtos agroecológicos.

A construção do Regimento Interno da Feira da UFMG, documento que traz as normas de funcionamento, os objetivos e os princípios norteadores da Feira, aconteceu ao longo de 2018, em um processo coletivo. Através de reuniões mensais, os produtores organizaram e apresentaram ao grupo suas ideias e desejos para o projeto. O texto foi organizado em linguagem acessível, a aprovação final ocorreu em uma assembleia, com participação de todos. A confecção desse documento foi um importante passo para a coesão do grupo.

Disseminação da experiência

Ao longo do processo de construção da Feira, o coletivo de organizadores e feirantes vêm buscando aproximar-se de experiências afins, em busca de um fortalecimento da agroecologia e da economia popular solidária no espaço em que ocupa. Especialmente em 2018 e 2019, constituiu-se uma Rede de Feiras da UFMG, com a participação de organizadores de outras feiras do *campus* Pampulha



para troca de experiências e elaboração de estratégias comuns para o incremento desse movimento frente à burocracia administrativa da Universidade, muitas vezes restritiva. Essas trocas também foram realizadas entre a Feira da UFMG e outras instituições federais de ensino superior, especialmente o CEFET-MG.

Por sua longevidade, a Feira da UFMG tem se tornado referência dentro da Universidade. Grupos organizadores de feiras e outros eventos culturais, em formatos e constituições diversos, procuram aproximação e aconselhamento, compartilhando questões cotidianas e reflexões sobre o fazer coletivo.